

Arte se movimentava entre globalização e fronteiras

*Bienais de Johannesburgo e do Mercosul
e projeto de intervenção urbana
InSITE 97 discutem território como parte
do discurso estético contemporâneo*

CELSO FIORAVANTE
da Reportagem Local

Quebra de fronteiras, nacionalidade, centro, periferia, identidade, etnicidade, globalização, imigração, choque de culturas, neocolonialismo. Atrito enfim, nos mais diversos níveis: econômico, ideológico, geopolítico, social, estético. Os mais importantes eventos de artes plásticas nesse final de ano são marcados assim pela discussão de como esses temas podem contaminar a produção estética contemporânea.

Coincidentemente, os três eventos mais importantes desse final de ano se desenvolvem em cidades e regiões que, historicamente, têm servido como rotas ou pontos de encontro de culturas distintas e, muitas vezes, beligerantes (veja quadros na página ao lado).

Okwui Enwezor, o diretor artístico da 2ª bienal de Johannesburgo, na África do Sul, explicita os vários níveis deste escambo no título geral do evento que organiza —“Trade Routes: History, Geography and Culture” (Rotas de Comércio: História, Geografia e Cultura)— e também no título da mostra que ele próprio curou, em parceria com o espanhol Octavio Zaya: “Alternating Currents” (Correntes Alternadas).

“O conceito básico da bienal de Johannesburgo é questionar conceitos da globalização, mas a globalização baseada em várias estruturas e na maneira como vem sendo articulada, principalmente por meio da iniciativa de capitais multinacionais. Nesse ponto em particular, tenta-se questionar a maneira como imperativos econômicos produziram consequências culturais globais por meio de processos de colonização, descolonização e uso de culturas nacionais”, disse.

Enwezor não se constrange em declarar que as questões estéticas levantadas em sua bienal estão contaminadas por conflitos políticos, relações sociais e tradições culturais e contestações econômicas. A bienal de Johannesburgo prossegue até 18 de janeiro e conta a participação de quatro artistas brasileiros: Rivane Neuenschwander, Rosângela Rennó, Valeska Soares e Cildo Meireles.

A globalização e as questões de fronteiras são exacerbadas também no projeto de intervenção urbana InSITE 97, que se realiza até domingo na fronteira dos EUA e do México.

O projeto convidou 42 artistas da América Latina, Caribe, EUA e Canadá para que criassem trabalhos específicos para espaços públicos das cidades de Tijuana (México) e

San Diego (EUA). O Brasil comparece com quatro artistas: Iran do Espírito Santo, Rosângela Rennó, Miguel Rio Branco e Anna Maria Maiolino.

Segundo seus organizadores, o projeto deveria ultrapassar questões específicas dessa fronteira e fazê-lo funcionar como um microcosmo de toda a América.

As fronteiras —políticas, econômicas ou culturais— também não poderiam faltar à 1ª edição da bienal do Mercosul, que também se encerra domingo em Porto Alegre.

Curada por Frederico Morais, reúne mais de 800 obras de 275 artistas latino-americanos dos seis países do Mercosul (Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e Bolívia) e da Venezuela (país homenageado).

Segundo Morais, o artista plástico deve trabalhar contra a idéia de globalização. “Eu não aceito essa idéia monotemática da globalização, criada pelo neoliberalismo. A arte está aí para questionar isso. A bienal do Mercosul não é nacionalista ou xenófoba. Não estamos tentando buscar a identidade da arte latino-americana, mas trabalhamos com a idéia de que existe na América Latina uma arte de boa qualidade, que temos uma capacidade de invenção muito grande e que somos originais”, disse



**"Ayate Car",
instalação do
mexicano
Betsabée
Romero,
criada para
o projeto
InSITE 97,
que acontece
em Tijuana
e San Diego**

InSITE 97

Artistas brasileiros convidados

- Iran do Espírito Santo
- Anna Maria Maiolino
- Rosângela Rennó
- Miguel Rio Branco

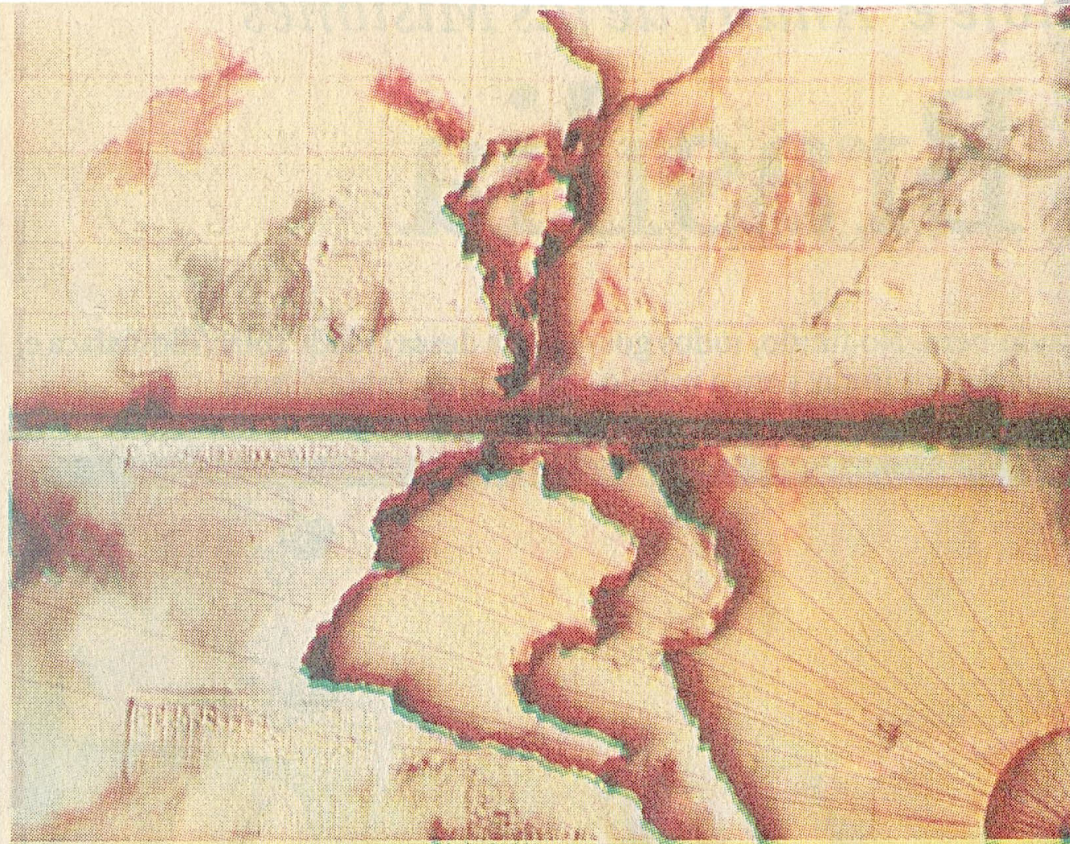
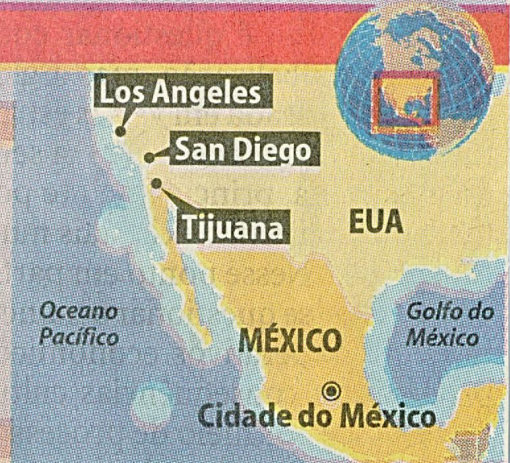
Contatos e choques de culturas

- O México vivia sob o domínio de maias e astecas até o século 15. Entre 1519 e 1521, os astecas, sob o reinado de Montezuma 2º, são arrasados pelas tropas de Hernán Cortés, e o México se torna colônia espanhola
- Entre os séculos 16 e 17, várias culturas tentam a conquista americana:

espanhóis (Flórida e Colorado), portugueses (Califórnia), franceses (vale do Mississippi), holandeses e ingleses (ambos em Nova York). Entre 1846 e 1848, eclode uma guerra contra o México e os EUA conquistam a faixa que vai do Texas à Califórnia.

- Em 1993, o México entra para o Nafta (tratado de

livre-comércio entre México, EUA e Canadá). No final de 1994, o México é abalado por uma grave crise econômica, mas começa a se recuperar, no início de 1995, com a ajuda dos EUA, que encabeça pacote de auxílio de US\$ 47,75 bilhões (toda a renda do país com petróleo é usada como aval para o empréstimo)



Trabalho de Ana Bella Geiger apresentado na bienal do Mercosul